

MENINO AMA MENINO: IMPASSES E SOLUÇÕES NO DIÁLOGO ENTRE GERAÇÕES NA NARRATIVA INFANTO-JUVENIL DE FEIÇÃO HOMOAFETIVA

LUCIANO FERREIRA DA SILVA*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer uma leitura de um livro infanto-juvenil que trata do tema da homoafetividade na infância intitulado *Menino ama menino* da escrita Marilene Goldinho. Antes porém, interessante é observar que esta narrativa se direciona aos jovens, mas é uma obra que pode ser lida tanto por adultos como por adolescentes a partir dos 11 ou 12 anos. É uma obra que vai tratar do tema da homoafetividade na juventude e a partir daí mostra a germinação de todo um conflito familiar fomentado pela falta de informação e despreparo para lidar com tal situação. A obra pode ser trabalhada em sala de aula para começar uma discussão sobre a diversidade sexual.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil; homoafetividade; diversidade sexual; educação.

ABSTRACT

This article aims to take a reading of a children's book that deals with the theme of childhood homoafetividade titled *Boy loves Boy* written Marilene Goldinho. First, however, it is interesting to note that this narrative is directed to young people, but it is a work that can be read by both adults and adolescents from 11 or 12 years. It is a work that will address the issue of youth homoafetividade and thereafter shows the germination of an entire family conflict fueled by lack of information and lack of preparation to deal with such a situation. The work can be crafted into the classroom to begin a discussion about sexual diversity.

Keywords: children's literature; homoafetividade; sexual diversity; education.

O presente artigo busca analisar a obra *Menino ama menino* da escritora Marilene Godinho com o intuito de evidenciar os

* Professor Adjunto I da Universidade Estadual do Piauí, doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco, autor de artigos sobre homoafetividade em capítulos de livros e revistas especializadas. Trabalha também com a literatura infanto-juvenil que trata de questões de gênero e sexualidades

conflitos e as soluções decorrentes da (des)informação sobre a diversidade de gênero e de sexualidade representados na referida obra. Importante é, ao nosso ver, trabalhar com livros infanto-juvenis que tematizam a homoafetividade como *É proibido miar* de Pedro Bandeira, *O gato que gostava de cenoura* de Ruben Alves, *Meus dois pais* de Walcyr Carrasco, *Do jeito que a gente é* e *Olívia tem dois pais* ambos de Márcia Leite, entre outros. Para os pais e educadores em geral podemos sugerir o livro de Lúcia Facco *Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil*, a autora analisa como os textos literários trabalhados pelos educadores podem contribuir para a formação de estudantes pensantes.

O trabalho em sala de aula com livros que tematizam a homoafetividade é bastante relevante e produtivo na medida em que se busca amenizar conflitos escolares decorrentes da falta de informação e preconceito. Sabemos que há jovens estudantes homoafetivos que se sentem acuados num ambiente que deveria proporcionar a educação de uma maneira geral, incluindo aí a amizade, a solidariedade e principalmente o conhecimento e o respeito à diversidade de gênero e de sexualidade.

Sobre a escritora Marilene Godinho podemos dizer que ela publicou, além de *Menino ama menino*, *Gaguinho*, *Irmão sol, irmã lua* e *Quem ama com fé*. Todas as histórias lidam com preconceitos: o caso da gagueira em *Gaguinho*, de relacionamentos *Irmão sol, irmã lua* e um caso que fala das lembranças da infância de uma jovem em *Quem ama com fé*. Aqui o que vai nos interessar, como já frisamos, é a obra *Menino ama menino*.

A história de *Menino ama menino* coloca-nos de maneira imediata diante do tema da homoafetividade na juventude. Começa com a indagação do pai sobre o porquê de Toni só brincar com meninas e de ser médico de bonecas. Depois o pai desconfia da relação que Toni tem com o amigo Gil, pois eles sempre estudam juntos. Preconceitos dos amigos do Francisco, irmão de Toni, do pai e da mãe acabam criando situações desconfortáveis até o “final feliz” da história com a “aceitação” da vida “diferente” do rapaz Toni.

O narrador, em terceira pessoa, começa a apresentar as personagens. Toni, personagem principal, Frederico (o pai), Francisco (o irmão), Madalena (a mãe), Geralda (a empregada), Gil (o melhor amigo de Toni). Márcio (amigo de Francisco) e a diretora da escola. Essas personagens são apresentadas logo nas primeiras páginas e estamos diante de uma família de classe média, a família possui uma secretária e não ocorrem problemas financeiros. A

narrativa é dividida em várias partes e no início de cada uma delas é posta uma imagem de um pássaro atrás de grades, provavelmente está numa gaiola, metaforizando uma prisão. Há treze partes. Para cada parte há uma personagem que assume o seu discurso, posicionando-se diante dos fatos.

O narrador, logo no início da narrativa, mostra o pai como um personagem enérgico que reclama do filho que só brinca com meninas. Este filho é o Toni que assume, vez ou outra, o discurso falando do pai, do irmão, da mãe que o defende do pai e afirma que vai parar de brincar de casinha com as meninas. Há um diálogo entre o pai e a mãe em que o pai se mostra contra a amizade de Toni e Gil e a mãe a favor. No discurso da mãe, notamos que ela percebe a diferença entre os seus dois filhos e desabafa com a diretora do colégio, dizendo não saber lidar com o preconceito das pessoas. Em um certo dia, o pai surpreende Toni e Gil de mãos dadas no quarto e bate em Toni, criando um alarde com a expulsão do Gil da casa. Em uma outra parte da narrativa, a empregada Geralda fala sobre a sua vida na casa de Frederico e sobre Toni. Ocorre uma briga entre Francisco e um colega porque este chamou Toni de “veado”.

Poucas vezes Gil assume o discurso, falando sobre o seu relacionamento com o amigo. Toni fala sobre uma nova empregada que chegou à casa para seduzi-lo, algo que não funciona. Fala também do carinho que sente pela tia Elza que o compreende. Acontece também um acidente com Toni na cascata que quase acaba com sua vida. Já no final da narrativa aparece a transcrição do pensamento de Frederico e o seu remorso. No final, há uma grande expectativa da família para ver a apresentação da peça teatral da qual Toni faz parte. No outro dia, depois da apresentação Toni e após tomar seu café da manhã, Toni liberta o pássaro da gaiola. Em *Menino ama menino* não se opera um deslocamento para fora do lar. O reconhecimento ou conhecimento da “diferença” do “outro” se dá por uma voz que narra em terceira pessoa, mostrando os fatos e colocando a fala das próprias personagens que se alternam e polemizam ao longo da narrativa.

O primeiro conflito está ilustrado metonimicamente pela imagem do menino Toni que brinca de boneca. Dizemos metonimicamente, pois não aparece na imagem a reclamação do pai de Toni. Só surge o pequeno Toni brincando de enfermeiro com a boneca, tal brincadeira é reconhecida pelo pai como brincadeira de menina. Aqui a imagem se relaciona com o início da narração que se desenrola mais adiante, em que o pai efetiva a reclamação propriamente dita. Para a idade a que se destina, essa primeira

imagem do livro nos fornece um belo visual, tanto do menino quanto da boneca. O que vai se configurar, mais adiante, é justamente o olhar desviado de foco em relação ao menino. Vejamos:

Citemos alguns passagens:

- Já avisei muitas vezes que não quero ver você com brincadeiras de mulher! Sentenciou o pai. (GODINHO, 2000, p. 03).

Se eu visto uma roupa, manda tirar porque é colorida; se grito, manda calar e deixar de ser esporrento; se cuido das plantas do jardim, toma a pá e joga longe. Como se fosse o dono do mundo, baixa leis, macho não faz isso, macho não faz aquilo. Tento me segurar, mas é danado! (GODINHO, 2000, p. 03)

Desde cedo, notava diferença entre meus dois filhos. Aprontava Toni para a escola, e ele só saía depois de bem limpo e perfumado. (GODINHO, 2000, p. 10).

Na primeira citação há a indignação do pai. Na segunda, o desabafo de Toni. Na terceira, a observação da mãe. Nestas situações, observamos o fato comentado da diferença comportamental, o que toca na não-assimilação do “outro” pelos membros desta família tradicional, o “outro” aqui entendido, segundo a narrativa, como “o diferente”.

Vejamos outras situações:

Por que será, meu Deus, que mereci ter um filho gay? Onde foi que errei? A mesma educação os meus dois filhos tiveram. O mesmo trato dispensei a eles. (GODINHO, 2000, p. 14).

Logo que percebi seu comportamento, procurei corrigir, aconselhar, castigar. Tudo para se endireitar. Nada adiantou. (GODINHO, 2000, p. 14).

Notamos uma religiosidade arraigada no discurso da mãe que vê o filho como um erro seu, ao mesmo tempo questiona se a educação dada a cada um dos filhos foi a mesma. Mas será que a educação familiar teve participação nisto se for vista como falha? Não seria uma visão ambígua esse deslocamento entre a culpa da mãe e a educação compartilhada com o pai? O comportamento do filho é tido como erro? O que seria correto e sobre quais preceitos estaria alicerçado? Existe aqui a idéia cultural da falha, da culpa e do castigo que senta fortes bases numa concepção católica tradicional de mundo, que vê a homoafetividade ainda atrelada à concepções de sexualidade oitocentistas, cujos valores agora já estão sendo abalados pelas transformações que a sociedade vive e que certamente a mãe não percebe devido a uma cegueira ideológica de fundo religioso.

É constante o desvio do olhar do menino Toni, como podemos observar na próxima imagem do livro. Agora, o rosto do menino é mais nítido e se nota certa “feminilidade” na sua aparência infantil. O seu olhar repousa na figura do pássaro que está na gaiola. A disposição da imagem parece querer dizer que ambos estão presos numa gaiola, a “real”, do pássaro e a figurativa, aquela em que se encontra Toni. Ao abrir o livro nas páginas 6 e 7 nota-se a confluência dessas significações. Nesta parte da narrativa há uma sugestão emotiva no sentido de que a personagem se sente só e quer encontrar abrigo em algo como foco de desabafo, neste caso é a figura deslocada representada pelo pássaro. Ele fala com o pássaro percebendo que não há outra personagem com quem possa conversar. Há neste caso, conforme CAMARGO (2004) uma similitude entre imagem e texto na congruência de significações.

O pássaro torna-se uma espécie de amigo confidente e fiel, pois não se cansa de ouvi-lo e não se importa se lhe dão atenção ou não. Diferente de muitas pessoas, estaria ali para ouvir o que Toni quisesse dizer sem queixar-se, até parece metafórico se observarmos desse modo. Citamos a voz de Toni que assume temporariamente o discurso:

Minha linguagem é de palavras, a dele é de saltitos e cantoria. Presos em gaiolas diferentes, proseamos todos os dias. Bom que ninguém se incomoda conosco. Até meu pai – o rei do suplício chinês – às vezes lhe troca a água e fica parado, quieto, ouvindo seu gorjeio. (GODINHO, 2000, p. 8)

Está clara a menção indireta a dois tipos de linguagem que se estabelece entre o menino e o pássaro: a verbal e a de sons, mesmo não acontecendo efetivamente a “comunicação”. Agora vejamos o discurso da empregada Geralda:

Ando doida para ele arranjar namorada. Só para pôr bucha na boca dessa gente. Mas ele é de poucos amigos. Só mesmo o Gil e outros poucos do mesmo jeito. Tanta moça bonita que entra pra rodear o Francisco. (GOLDINHO, 2000, p. 13)

Notamos até agora o preconceito vestido de angústia por parte do pai, da mãe e da empregada Geralda. Vejamos o posicionamento do irmão Francisco:

Na verdade, não gosto de sair com ele. Tenho vergonha. Seu jeito de falar, seus modos me deixam sem graça. Os olhares da crítica, os risinhos dissimulados, me deixam vexado. (GODINHO, 2000, p.23).
Ao vê-lo chegar, eu saía da espreita e sumia porque não suportava

vê-lo com homem. É estranho demais! (GODINHO, 2000, p. 23).
Era ou não doença? Sem-vergonhice? Distúrbio de comportamento?
O que seria?
Preciso fazer alguma coisa. Não quero deixar o meu irmão nesse buraco. (GODINHO, 2000, p. 26).

O próximo momento traz uma conversa que se estabeleceu entre Francisco e um colega seu:

- Frans, seu irmão é gay?
Assustei diante da pergunta feita de supetão:
- Não. O jeito dele é assim mesmo.
- Mas ele nunca fica com garota nenhuma. Só fica com o Gil como se fossem namorados.
Porque no seu olhar havia sinceridade, me abri:
- Parecendo namorados? Por quê?
- Não se separam. Todo mundo anda falando isso aí.
- O povo fala demais.
- Aumenta, mas não inventa. Tou falando porque sou seu amigo.
- Você acha que me ajuda falando isto?
- Quero abrir seus olhos, cara. Pra você fazer alguma coisa, dizer lá na sua casa, sei lá. Toma providência! (GODINHO, 2000, p. 25)

Esse espanto do colega de Francisco talvez se justifique se temos a idéia de que o garoto não tem informação suficiente e já está contaminado por preconceitos. O jeito de falar e de se comportar do irmão de Toni engendra atitudes masculinizadas, mas o desvio do olhar continua nessa personagem, isso podemos perceber na imagem que aparece na narrativa, emblematizando a perda de referências para esclarecer tal acontecimento, ele sofre pela falta de conhecimento e está despreparado para tratar de tal situação. Podemos verificar mais uma oscilação na concepção social da homoafetividade que está presente no discurso do irmão Francisco que, a princípio, sente vergonha do irmão porque os outros o criticam dissimuladamente, depois assume uma postura pessoal de oposição, porque não suporta ver Toni com outro homem.

Logo adiante se coloca numa posição ingênua ao indagar se é doença, sem-vergonhice ou distúrbio comportamental. A “crise” familiar é ampla, pois até a visão da tia Elza é ambígua. A tia de Toni conversa com ele mas se mostra impossibilitada de ajudar efetivamente. Ela parece querer consolá-lo, aconselhá-lo, mas não há como.

Assim ela fala:

Muitos gays são excêntricos. Eles se comportam como se tudo fosse brincadeira. É a sua forma de erguer uma bandeira contra o

preconceito, mas essas atitudes ousadas incomodam as pessoas. (GODINHO, 2000, p. 35).

Vocábulos usados para qualificar comportamentos como: excêntrica, brincadeira, bandeira e ousadia podem denotar um certo posicionamento isolacionista que poderia configurar numa visão preconceituosa e delineadora de diferenças ampliadoras do fosso social entre gêneros. Nem todo comportamento homoafetivo tende a essa caracterização. Contudo, o total apagamento da diferença pode gerar uma homogeneidade cultural que, antes de aflorar um conflito social proporcionador de mudança, pode ocasionar a manutenção dos *status quo* social.

A saída para os conflitos familiares em *Menino ama menino* se dá através do temor da morte iminente do filho, quando Toni cai da cascata e quase morre afogado. A negociação da diferença na camada social familiar se constrói por meio de um ingrediente ficcional colocado na trama para se chegar a um final feliz. A imagem do quase afogamento da personagem Toni se encontra numa página anterior ao acontecimento, constituindo, dessa forma, mais uma função de narração dentro do texto que antecipa a narrativa escrita propriamente dita. A cena do desespero de Toni na água ocupa duas páginas do livro.

Depois de presenciar o quase afogamento do filho, o pai de Toni reflete:

Compreendi: é melhor ter meu filho vivo, assim como ele é, do que vê-lo morto. Eu o perdi por instantes, para ganhá-lo pelo resto da vida. O que seria de nós sem ele? (GODINHO, 2000, p. 37)

A voz do pai de Toni vem reforçar, de maneira subjacente, o preconceito que fora apaziguado. A possibilidade de Toni morrer no acidente veio, não fortalecer os elos familiares de carinho e atenção, mas arraigar o sentimento de posse tão caro à formação do pai. Mudam-se os hábitos com relação à figura de Toni dentro do espaço social familiar. Depois de tranqüilizar os ânimos, a narrativa oferece-nos como única saída para Toni ser ator de teatro, ou seja, a sua nova vida estaria para uma representação contínua, portanto ficcional em que a família, saindo pela “porta dos fundos”, vai se juntar aos outros como uma platéia atenta ao desenrolar dos fatos:

Não havia lugar na platéia. Casa cheia! Na coxia, Toni aguardava a hora de entrar em cena. Luzes da Ribalta, de Chaplin, embalava a espera. (GODINHO, 2000, 38).

A família toda vigiava a cortina preste a se abrir. Queria ver o sucesso garantido por dois meses de ensaio e muito entusiasmo. (GODINHO, 2000, p. 39)

Aqui o teatro é o espaço estético “a tecnologia do espaçamento estético faz dos olhos a abertura primária pela qual os prazeres, que o espaço cheio de multidão tem a oferecer, podem ser assumidos”. (BAUMAN, 2003, p. 193) em que Toni sentirá prazer em estar com o “outro”, o “estranho” e “os estranhos, com seus modos singulares e imprevisíveis, com sua variedade caleidoscópica de aparências e ações, com sua capacidade de surpreender, são fonte particularmente rica de prazer para o espectador”. (BAUMAN, 2003, p. 193) que se tornou próximo saindo do anonimato momentaneamente e “no pólo do anonimato, não se pode em absoluto falar realmente de distância social. Um Outro verdadeiramente Outro está fora ou além do espaço social. Esse outro não é verdadeiramente objeto de conhecimento”. (BAUMAN, 2003, p. 171). As imagens do suposto término da encenação teatral aparecem um tanto disformes. As mãos dadas denotam a hipocrisia ainda reinante entre essas personagens, como se vivessem das aparências do bem viver, como se tudo estivesse bem.

Não há, ainda nas imagens, sinais de felicidade, só existem pequenos indícios no rosto de Toni e da outra personagem que aparece em outro extremo. Uma cruz vermelha está presente na camisa verde de uma das personagens, a que mais se aproxima de Toni, cruz lembrando religiosidade e o verde, como não? a esperança. Desta parte da narrativa para o final, o que é representado no palco em si não aparece, fica então subentendida a nova vida de Toni que é posta como ficção e o último parágrafo é bastante escorregadio:

Na varanda, o sabiá. Entre grades espreitava a manhã lá fora, ciciante de brisas. Toni entendeu seu canto de asas podadas. E lhe abriu a porta da gaiola. Dando-lhe a liberdade de voar na imensidão do espaço, enquanto ele já alçava vôos em seu espaço de dentro. (GODINHO, 2000, p. 40)

Postas as máscaras da encenação teatral, percebe-se que Toni continuou atrelado a uma delas, apoiando-se na normalidade aparente, mas não efetiva. Não há vestígios de uma continuidade amena para a personagem Toni, o que ocorre é a saída de uma suposta vivência real relatada para um mundo ficcional que está metaforizado na carreira teatral que supostamente Toni seguirá. Operacionaliza-se o que Bauman chamou de arte do mau encontro:

“A arte de mal-encontrar, se dominada, relegaria o outro para o fundo; ou o outro não passaria de borrão no fundo do cenário contra o qual se coloca a ação. Na verdade, lançar o outro para o fundo do cenário não o faz desaparecer” (BAUMAN, 2003, p. 173). Toni fora colocado no pano de fundo cinza que é representado pelo teatro, contudo, não se apagou completamente, pois o fundo existe, apenas fora ignorado momentaneamente. Começou, se assim podemos dizer, uma forma de anonimato, conforme considerações de Bauman: “*não considerando que, na melhor das hipóteses, desde uma consciência subliminar há, potencialmente, um humano que pode ser um objeto de conhecimento*”. (BAUMAN, 2003, p. 171), o estrangeiro começa a se distanciar do espaço de sociabilidade constituído pelo pólo da intimidade, neste caso, este último é representado pelo espaço dentro da família.

O jovem-leitor de *Menino ama menino* se depara, logo no título, com um ingrediente que faz parte da “diferença” cultural conflituosa. Contudo, a solução encontrada, via negociação social, está na pura ficcionalidade da situação vivenciada. Os comportamentos considerados minoritários, como os homoafetivos, encontram-se divididos dentro de um corpo coletivo maior. Tais comportamentos, vale salientar, estão em processo como quaisquer outros, vistos ou entendidos como subalternos, é claro, levando em conta o contexto no qual estes comportamentos se fazem presentes.

A assimilação do “diferente” é operacionalizada pelo “entendimento” familiar em *Menino ama menino*, constituindo negociações no campo da diversidade cultural. Seria talvez ingenuidade dizer que a obra encerra um caráter pedagógico em se tratando de discursos sobre identidades minoritárias em construção. Não há uma explicitação do apagamento do preconceito, o que constituiria um projeto de mudança social, daí o aspecto pedagógico, mas há fissuras na narrativa que negam esse aspecto. O conflito está manifesto em *Menino ama menino* o que poderia, ambigüamente, relaciona-se ao que Bhabha (1999) afirma sobre o desejo ou o medo do “outro”, entendido como “diferente”: “*A narrativa e a política cultural da diferença torna-se o círculo fechado da interpretação. O outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional*” (BHABHA, 1999, p. 59). Contudo, se os conflitos permanecem e a ambigüidade se instaura, de uma maneira ou de outra, asseguram uma presença desestabilizadora daquele discurso que se pretende homogêneo e totalizador.

Em *Menino ama menino*, as vozes das personagens, que estão

distribuídas ao longo da narrativa, apresentam-se, lembrando as considerações que Peter Hitchcock como dissonantes, assim: “*The multiple voicing implied in dialogics does not make for harmony, according to Bakhtin, but for dissonance. It follows therefore that to track the sociality of language is to analyze social struggle.*” (HITCHCOCK, 1993, p. 05). Ainda, segundo o estudioso, essas vozes agem, ou como formas de ratificar o preconceito ou para amenizá-lo.

Os sujeitos “oprimidos”, no caso, são a personagem Toni e seu amigo Gil, estes procuram agir de acordo com a posição que ocupam no seu local. O “oprimido” localizado age ou reage assimilando as relações de poder nas quais está inserido, mas também como diz Peter Hitchcock: “*The oppressed are victims of social injustice; their significance, however, does not reside in the fact of their victimization but in the possibility that their agency will transform their lived relations...*” (HITCHCOCK, 1993, p. 08). Isto toca na problemática da formação de classe (enquanto relação social) que, se não é um fator determinante da “sujeição” ou “perversão” de relações sociais hierarquizadas, pode atuar como emblemas de posicionamentos localizados culturalmente.

Assim, o trabalho na sala de aula com livros que tematizam a homoafetividade é fundamental para se construir um ambiente em que se respeite a diversidade de gênero e de sexualidade e que, a partir deste ambiente, possa-se ampliar a discussão para fora dele, alcançando as famílias, os amigos, os colegas de trabalho, proporcionando diálogos efetivos na busca constante do conhecimento sobre os outros, sobre nós mesmos nessa multifacetada vivência afetiva.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 2003.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CAMARGO, Luís. **A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/posiainfantilport.htm>> Acesso em: 26 out. 2004.

GODINHO, Marilena. **Menino ama menino**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2000.

HITCHCOCK, Peter. **Dialogics of the Oppressed: Theorizing the Subaltern Subject**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.